

JOALHERIA E RESISTENCIA ESCRAVA NA BAHIA COLONIAL – AS JOIAS DE CRIOULA

JEWELRY AND SLAVE RESISTANCE IN COLONIAL BAHIA – THE BRAZILIAN CRIOULA JEWELRY

¹SILVA, Anielle Cristina; ²GRECCO, Priscila Miraz de Freitas

^{1e2} Departamento de Licenciatura em Artes Visuais. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM.

RESUMO

Análise de exemplos de joias de crioula, uma forma de joalheria criada no Brasil, mais especificamente na Bahia, no século XVIII, sendo mais comum no século XIX, ressaltando as mudanças com relação à vida privada assim como na dinâmica social e suas consequências na relação entre senhores e escravos. Hibridismo cultural, importante fenômeno social, foi o que possibilitou o surgimento destas joias, através de ricas influências de culturas diferentes, tanto na criação de símbolos utilizados, quanto no tratamento e manipulação dos materiais. Joias que se tornam então, símbolos de resistência escrava dentro desta sociedade, uma vez que negros eram proibidos tanto de usar quanto de trabalhar com ouro e metais nobres.

Palavras-chave: Resistencia. Joalheria Escrava. Hibridismo Cultural

ABSTRACT

An analysis about the Brazilian crioula jewelry examples, a kind of jewelry created in Brazil, more specifically at Bahia, in the eighteenth century, it's more common in the nineteenth century, highlighting the transformations about private life as the social dynamic and the consequences in the relationship between slave owners and slaves. Cultural Hybridity, important social phenomenon, it was what made possible the appearance of these jewels, per rich influences of different cultures, thus on the creation of utilized symbols, how at the processing and handling of the materials used. Jewels that become so, slave resistance symbol in this society, once that black men were forbidden either to use as working with gold and noble metals.

Keywords: Resistance. Slave Jewelry. Cultural Hybridity

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca na capital baiana, Salvador, entender o funcionamento da sociedade que habitava a cidade entre o final do século XVIII e início do século XIX, e dentro desse contexto, entender a função e importância dos escravos de ganho, principalmente das crioulas de ganho. As crioulas eram identificadas pelas joias que usavam em excesso, como pode ser observado nessa época, por influência barroca, o exagero e a ostentação como características marcantes do período, e a necessidade de parecer, sem necessariamente ser rico ou rica.

Estas crioulas conseguiram, através da atividade de ganho, acumular dinheiro que possibilitou-lhes comprar alforrias e continuar trabalhando, para através de irmandades, ajudar outras escravas a serem livres, colaborando com fundos mútuos para compra de alforrias, caracterizando assim também um movimento de resistência. Além de que o próprio uso das joias que compravam com seu excedente

de trabalho, ou que ganhavam de seus senhores como presentes por serem amantes, era um ato de rebeldia na sociedade que as proibia o uso de tecidos e finos, de metais e pedras preciosas, quando a aparência era o que determinava a posição social do indivíduo.

Conhecidas como joias de crioula, estas peças trazem como principais influencias as culturas europeia e africana, identificadas através das representações presentes nas peças. Em seus símbolos e nas técnicas utilizadas na fabricação, pode se perceber o hibridismo cultural, fundindo-se nestas peças tão especiais e únicas, em um país que acabara de nascer, que começava também a ganhar formas originais.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi desenvolvida através do método bibliográfico, ou seja, através da leitura, seleção e análise do material publicado sobre o tema. Dentre essa bibliografia, alguns autores se destacaram pela importância que seus trabalhos adquiriram para que pudéssemos desenvolver nossa pesquisa.

Reginaldo Prandi (2000) coloca os pontos centrais da sociedade escravista e o direcionamento geográfico de escravos dentro da colônia, sua função e colocação social e através desse entendimento, é possível a melhor compreensão da sociedade baiana desde o século XVI e como se desenvolveu para chegar ao ponto em questão, situado entre o século XVIII e XIX.

A partir da ideia de Peter Burke (2003), sobre Hibridismo Cultural, fenômeno que ocorre a partir de encontros entre culturas diferentes e que produzem um objeto híbrido, trabalharemos com o foco nas joias de crioula, criadas no Brasil no final do século XVIII para entender as peças como objetos resultantes desse processo de hibridização cultural, que os torna peças genuinamente, brasileiras, que tem sua origem aqui mas que resultam de uma mistura de influencias, das quais Raul Lody (2013) esclarece as origens que basicamente provem de africanos, africanos islamizados e europeus, além de dar luz à questão de que as influencias maiores na vestimenta e usos da época são muito mais atribuídos aos portugueses que aos africanos e que afirma a ideia de um trabalho de resistência caracterizado pela da

venda dessas peças pelas crioulas livres, para a compra de alforrias de outras crioulas ainda escravas.

Analisados por Laura Cunha e Thomas Milz (2011), os símbolos e significados atribuídos nas peças, mostram o sincretismo religioso presente em tais joias, que são então consideradas parte da vestimenta de crioula, de uso ritual e de valor religioso, onde cada signo representa um orixá ou tem intenção mágica e de superstição. Deixam claro também a influência barroca no uso exagerado de peças e do ouro, e a clara intenção de se parecer rico, sem a necessidade de realmente ser, como também pode se notar no texto de Katia M. de Queiroz Mattoso (2001) a questão da opulência presente na sociedade baiana entre os séculos XVIII e XIX.

A necessidade de se contar a história dos afro-brasileiros nas aulas de Artes, convida a recontar esta história por vezes esquecida, muitas das vezes, propositalmente, de maneira nova e revolucionária. Deve-se entender e reconhecer a função social do afro brasileiro, sua importância na construção de nossa cultura, sua influência e participação ativa na sociedade escravista baiana do século XVIII e XIX, construindo nova identidade e dando uma forma ao país que se iniciava. Com seus movimentos de resistência pode se perceber que não foram os escravos cativos e conformados como nos levam a imaginar em grande maioria das escolas, foram atuantes e exerceram funções de extrema relevância em todo o tempo, desde que aqui desembarcaram. Sua força, dignidade e voz precisam se fazer ouvidas, mais que as chibatadas que ainda ecoam.

O objetivo deste trabalho é identificar essas joias como, além de exemplos do fenômeno de hibridismo cultural, símbolos de uma forma de resistência das crioulas que dentro do contexto escravista e misógino em que viviam. Afirmar que a partir do uso destas peças encontraram meios de se impor à sociedade enfrentando leis da época que as proibiam o uso de tecidos finos e metais preciosos, conseguiram afirmar sua identidade e sua origem, se distinguiram e onde algumas crioulas se destacaram e conseguiram parecer/ser tão rica quanto seus senhores.

DESENVOLVIMENTO

A escravidão no Brasil está diretamente ligada ao avanço econômico e a distribuição de escravos pelo país que seguiu essa lógica. Por isso, até metade do século XVII o maior contingente escravo era enviado para os engenhos de cana-de-

açúcar, na Bahia e em Pernambuco. Após a descoberta do ouro em Minas Gerais, além de fatores como as rigorosas secas no Nordeste, é para lá que se deslocaram a maior parte dos escravos (PRANDI, 2000, p. 55). Com o crescimento das cidades, principalmente litorâneas, perto da passagem para o século XIX, desenvolveu-se também um mercado de serviços praticado pelos africanos escravos, que na metade deste mesmo século constituíam quase metade da população de cidades como Salvador e Rio de Janeiro, conforme afirma Prandi:

Com a nova forma de uso da mão escrava, novas maneiras de viver do cativo ganharam corpo, já não sendo necessário seu convívio na propriedade do senhor, nem tendo que se manter na senzala. A escravidão se urbaniza, o escravo ganhou maior liberdade de movimentos, ampliou suas relações sociais e desenvolveu novas formas de sociabilidade (PRANDI, 2000, p. 55).

Em consequência das mudanças nas cidades, escravos passaram a oferecer serviços dos mais variados, trabalhavam longe de seus senhores, com um valor e data pré-estabelecido para o pagamento, podendo tomar posse de excedente. Eram os chamados “escravos de ganho”, diferentes dos escravos de aluguel e dos domésticos, embora pudessem variar entre as funções. Exerciam atividades relacionadas a transporte, de pessoas ou mercadorias, e no comércio ambulante (COSTA, 1988, p.95).

As escravas preferidas para essa atividade possuíam certas características mais procuradas para que desempenhassem bem a tarefa, como domínio sobre a língua portuguesa, boa aparência e tino comercial, lembrando que muitas destas vieram de tribos africanas onde o papel comercial era exclusivo das mulheres, possuindo relevante papel econômico (SOARES, 2013, p 59). Logo as mulheres negras, ganhadeiras, como eram chamadas tanto as escravas quanto as livres e libertas, ocuparam lugar de destaque neste cenário. Algumas modalidades de ganho geravam bons lucros e permitiam a elas a acumulação de pecúlio.

O sucesso se refletia, sobretudo, no controle que as ganhadeiras vieram a ter sobre o comércio varejista de produtos perecíveis. Já no final do século XIX Vilhena notou que elas praticamente monopolizavam a distribuição de peixes, carnes, verduras e até produtos de contrabando (SOARES, 2013, p. 61).

O crescimento rápido da cidade e a produção de açúcar, voltada para a exportação, que deixava a produção de alimentos em segundo lugar, além de longas secas e intensas chuvas, propiciou a escassez de alimentos, o que fez com que as ganhadeiras fossem mais toleradas e passassem a ser fundamentais na distribuição de produtos de primeira necessidade dentro de cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife (SOARES, 2013, p. 67).

Crioulos, assim como mulatos foram o resultado de intensa miscigenação entre índios, brancos e negros, e estes, tinham relações diferentes dos africanos com seus senhores, pois estavam mais próximos destes, já podiam falar sua língua, além de estarem familiarizados com a organização da sociedade escravocrata (MONTEIRO; FERREIRA, 2005, p. 386). Neste contexto, encontram-se as crioulas, que desenvolveram, através do ganho, meios para acumular dinheiro e com ele comprar sua alforria, e também ouro para mandar fabricar suas próprias joias, as chamadas “Joias de Crioula”.

Estas joias eram fabricadas no Brasil e destinavam-se ao uso exclusivo de mulheres, mulatas ou crioulas, sob a condição de escravizadas, alforriadas ou libertas. As peças foram confeccionadas nos séculos XVIII e XIX e contam com braceletes, colares, pencas de balangandãs, pulseiras, anéis e outras peças de adorno corporal. Através dessas peças, essas mulheres sincronizaram influências de diferentes culturas e etnias e puderam usar símbolos de suas crenças introduzindo novos signos, já que haviam em muito perdido sua identidade cultural e sofrido a imposição de outros modelos:

Através das vestimentas e das joias utilizadas pelas crioulas se deu a materialização de autopreservação das mesmas, constituindo-se em um signo de poder social (Teixeira, 2013, p. 16).

A busca por traduzir a origem das peças, remete à um forte referencial de caráter religioso e outros nitidamente alegóricos a temas e situações próprias dos ‘ganhos’ e outras atividades comerciais (LODY, 2001, pg. 19), misturando então características de europeus cristãos, dos negros e suas religiões de matriz africanas e é também assim nos referenciais de técnicas dos ourives, que foram em primeiro momento, exclusivamente de origem portuguesa, que mais tarde utilizaram se de mão de obra escrava, não menos especializada, para atender a demanda. Sabe-se que eram muito habilidosos no trato com metais, principalmente os que vieram de

nações islamizadas, como do Alto Sudão, que já chegaram sabendo técnicas de fundição e aqui incorporaram técnicas e arranjos nacionais, mesclando sua arte e a adaptando, num processo de hibridização cultural, que Peter Burke (2011) descreve como um processo que acontece de maneira natural quando duas culturas se encontram e convergem para formar uma nova forma de se organizar, mesclando aspectos das duas envolvidas. Pode-se também entender esse processo como uma maneira de culturas “marginalizadas” se manterem dentro de uma cultura dominante. Muitos dos modos afro no Brasil, sobreviveram após cair no gosto europeu, por serem considerados parâmetros para comparar o que seria bom e o que não seria, desde comida e música até os modos de falar e se vestir.

Figura 1. Fotografia de Crioula século XIX, por Marc Ferrez.



Fonte: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)

Ainda no século XVIII observa-se que a estética ainda é baseada na portuguesa, enquanto que aqui basicamente, se reproduzem as imagens barrocas de lá, tanto que muitas vezes é possível se confundir com a origem das peças. As joias vindas de Portugal eram mais valorizadas, por conta do “jeitinho brasileiro”, que se desenvolvia na mistura dos metais nobres com outros nem tanto na hora da fundição e esse também foi o motivo para o arruamento dos ourives de ouro e prata

no século XVIII, que eram ruas destinadas a esse comércio, os ourives todos deveriam se fixar nestas determinadas ruas, para facilitar a fiscalização por parte da Coroa. Negros e mulatos, escravos ou libertos eram proibidos de trabalhar com os metais nobres desde o século anterior. As proibições vindas da corte continuaram até que se extingue a profissão de ourives na colônia, através da Carta Régia, de 1766:

Suas ordens eram para que os mestres e aprendizes fossem incorporados aos exércitos das Províncias e que todas as lojas fossem fechadas, as forjas demolidas, os instrumentos sequestrados e levados para a Casa da Moeda (ROSA, 2007)

Criava-se então, uma nova forma de se produzir envolvendo diferentes culturas e esse processo não foi barrado pela lei vigente. Passar a trabalhar na clandestinidade, fez bem aos ourives, pois segundo Mercedes Rosa, “nunca se produziu tão bem e admiravelmente”. Alguns deles obtiveram grande destaque, ser um bom ourives rendia muito dinheiro e influencia, era uma profissão muito respeitada e importante à época.

Em seu texto, Mercedes Rosa (2007) cita uma das peças da época da proibição como talvez a mais impressionante peça da ourivesaria litúrgica brasileira: uma custódia em ouro, cravejada de pedras preciosas, com desenho feito por artista nacional, confeccionada pelo ourives baiano Boaventura de Andrade, no ano de 1807.

Neste período começaram a surgir novas composições e novas formas nas peças, apesar do modelo português ainda ser o mais pedido nas encomendas de quem gostava de estar à moda da Corte, mesmo que dez anos atrasados. Nos fins do século XVIII é que começa a surgir nestas composições elementos que são de referências nacionais, como a fauna e a flora, que foram combinados com os elementos tradicionais portugueses, mudando a estética, mas ainda atendendo à demanda:

É sabido que nem tudo o que está na penca é africano ou afro-brasileiro: alguns objetos vêm de símbolos cristãos que, recriados e transpostos para significados além das liturgias da Igreja, assumiam valorização integrada às formas nitidamente africanas. LODY (2001)

Tendo em vista que a vestimenta, a moda era um importante fator de classificação social pois incorporava elementos que distinguiam, de forma não-verbal, a classe dos indivíduos, numa sociedade que era praticamente analfabeta, exhibir-se ao olhar do outro era uma forma de demarcar e identificar classes ou funções dentro da sociedade (TEIXEIRA, 2013, p. 17). A ostentação na vestimenta escrava chegou a tal ponto que em 1613, uma portaria real passou a proibir o uso de tecidos considerados superiores e metais preciosos pelas escravas, o que não foi levado a sério, nem por estas nem pelos senhores, que encontravam um meio de também se exibirem através da vestimenta de seus criados:

Quando, por exemplo, nas poucas vezes que a senhora de família abastada saía as ruas, era acompanhada de suas escravas, vestidas de seda e enfeitadas de joias. Se as senhoras brancas desfilavam em um cortejo reluzente em que tilintavam ouro e pedras preciosas, as escravas eram adornadas com várias vezes o valor de sua alforria, mostrando o status de seu senhor (CUNHA; MILZ, 2011, p. 152).

Alguns autores citam em suas pesquisas sobre essa parte da história brasileira a “opulência” e a ostentação como tentativas de “se parecer” rico, que o uso exagerado de peças em ouro, prata e tecidos finos, muitas das vezes, falavam de uma riqueza que na verdade nem existia, eram somente aquelas peças, o que estava visível, não existiam grandes quantias de dinheiro guardado ou grandes posses, demonstrando então um grande desejo do sujeito da sociedade baiana de ser reconhecido como nobre, ter ligações com a coroa, mesmo que todos soubessem que as origens na verdade eram bem diferentes das genealogias que eram feitas a bem entender e com parentes tão ilustres quanto distantes, tudo para usurpar um sobrenome influente e tentar obter poder através dele:

Tratar-se ia, portanto, de uma opulência que procurava iludir, tapando-se o sol com a peneira, porque aí as aparências de riqueza eram mais importantes ainda que a riqueza em si mesma. Para ele, o verdadeiro nobre deve ser rico, mas também modesto. Exasperam-no, igualmente, tanto o novo-rico qual se serve de sua fortuna para se aparecer, quanto o que é pobre e leva um trem de vida acima das próprias posses para se alçar ao nível dos nobres, vivendo somente de aparências no intuito de obter um alvará do príncipe e o reconhecimento de um sangue nobre que não corre em suas veias (MATTOSO, 2001, p. 152).

Socialmente, desde o início, houve a segregação dentro da sociedade escravista na Bahia, que transformou a relação entre nobre e plebeu de Portugal em livres e escravos negros aqui no Brasil. Homens livres se sentiam então com status de nobreza, embora se saiba que o Brasil era uma colônia que estava em segundo plano para a Coroa que se voltava para as Índias, o número de nobres residentes na colônia não era suficiente para se ter uma classe da nobreza, então trataram os baianos, de eles próprios, de criarem suas almeçadas linhagens (MATTOSO, 2001, p.151).

Figura 3. Penca de Balagandans, Museu Carlos Costa Pinto, Bahia



Fonte: Site Ourivesaria Von Jess

Tal fato, talvez explique parte da opulência e do exagero das crioulas nesta tentativa de se afirmar e construir uma identidade respeitada dentro desta sociedade, pois segundo Cunha e Milz “As joias podiam ser luxuosas ou de confecção simples, desde que fossem volumosas e brilhantes, não importando a liga metálica, geralmente com baixo teor de ouro e as partes ocas. O importante para as crioulas era o exagero barroco, vislumbrado em composições de vários correntões e pulseiras cobrindo todo o colo e braços, ofuscando a visão de quem observasse com o brilho de tanto ouro” (CUNHA; MILZ, 2011, p. 71). Percebe-se que existia muita pobreza nas casas, mas à rua, pobres ou não, todos queriam estar parecendo mais

abastado, quanto mais, melhor, independente da realidade. Para os portugueses, enfeitar suas mucamas era um sinal de poder, enquanto que para a crioula, a joia remetia também, a uma história cultural, a retomada de matrizes étnicas e de identidade a ser preservada e reafirmada:

A cultura material africana, projetada nas condições de dominação durante o período escravista no Brasil-Colônia, embora aparentemente submissa, manteve um fogo de defesa e de memória que a tradição oral e os conhecimentos tecnológicos conseguiram trazer até os dias de hoje. (LODY, 2001, pg.17)

Herança europeia da Contra Reforma, a igreja católica na busca de seduzir fiéis pela dramaticidade e exagero do ouro, encaixou-se perfeitamente no contexto nacional da Colonização, onde o ouro que fora encontrado em abundância em Minas Gerais foi a matéria prima para grandiosos trabalhos litúrgicos, desde peças utilizadas nas missas, como o ostensório, até na decoração de alteres inteiros, inclusive nas paredes. A sociedade da época girava em torno da igreja, e as atividades sociais estavam em grande parte ligadas a ela. Quem construía e mantinham as igrejas eram as confrarias e irmandades que tratavam de arrecadar dinheiro e ouro para construção e manutenção da mesma:

A descoberta das minas no final do século XVII contribuiu para a adesão, tanto da metrópole quanto da colônia, a um estilo de vida luxuoso e rebuscado, caracterizando a ostentação exagerada do segundo período barroco. A necessidade dos fiéis demonstrarem poder e devoção por meio de vultuosas doações à sua paróquia ressaltou ainda mais o luxo na decoração de talhas e alfaias dos templos (Cunha; Milz, pg. 26, 2011).

Através de doações, os fiéis disputavam que igreja era mais luxuosa e mais uma vez, a ostentação se fez presente pois a grandeza das doações refletia a riqueza do doador. Cada irmandade desejava ter os objetos e a decoração de suas igrejas mais ricos e especiais possíveis. Prata, ouro e pedras preciosas eram usados sem moderação para alcançar esse objetivo, o que fez com que se tenha, ainda hoje, objetos de ourivesaria litúrgica únicos e incríveis, pois através dessas “necessidades”, alguns ourives da época se tornaram especialistas nessas peças, cheias de detalhes e de trabalho minucioso (CUNHA; MILZ, pg. 38, 2011).

Figura 4. Joias de crioula do acervo do Museu Carlos Costa Pinto, Bahia



Fonte: Site A Relíquia

Além das doações para igrejas, algumas irmandades organizavam uma “caixa de alforria” através da qual, reuniam dinheiro para a compra de alforrias de outras escravas. O dinheiro provinha do ganho e em muitas vezes da venda de joias que foram presentes de senhores para suas amantes crioulas, que encontraram nas joias e roupas que usavam uma maneira retomar suas raízes, ao mesmo tempo em que construía uma nova identidade, e se posicionavam de forma digna e ativa na sociedade que tentava de inúmeras formas, excluí-las seja pela cor, pela origem ou pela posição social, e assim resistir ao que lhes era imposto.

Nesse tempo vestir-se bem era, mais que uma forma de apresentar-se à sociedade, uma maneira de burlar o cruel sistema escravocrata e elitista e, desse modo, afirmar-se como ser humano. (CUNHA; MILZ, 2011, pg. 171)

Um exemplo dessa atividade é a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, que ainda hoje está viva em Cachoeira, Bahia. A Irmandade criada por crioulas alforriadas surgiu por volta de 1820 com intuito de louvar a Virgem Maria e de adquirir meios para alforriar escravos.

Figura 2. Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Cachoeirinha, BA



Fonte: Acervo Digital Unesp

Todo ano ainda acontece a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, onde as crioulas saem em cortejo, resgatando suas origens e mantendo a memória de seus ancestrais viva.

CONCLUSÕES

Analisando as joias crioulas percebe-se a importância da vestimenta como código visual na sociedade baiana colonial e como o uso dessas joias possibilitou às crioulas resistir ao sistema imposto a elas, além de ser significativo como forma de manutenção de suas raízes, e a criação de uma identidade nova, através da qual poderiam se inserir na sociedade da qual eram excluídas.

O estudo da criação dessas peças, de sua função e importância na sociedade baiana de finais do século XVIII e começo do XIX, nos ajuda a entender que a mudança de perspectiva de análise da história é muito enriquecedora para o entendimento da formação de nossa sociedade. Quando o foco da história passa a ser a crioula de ganho, suas relações possíveis dentro da sociedade baiana, seu protagonismo como criadora de artefatos, entendemos que as formas de resistência ao sistema escravista foram múltiplas e estavam presentes de diversas formas no cotidiano da população brasileira.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2003.

COSTA, Ana Lourdes Ribeiro da. Moradia de escravos em Salvador no século XIX. *In: Clio – Série História do Nordeste*, nº 11, pg. 95-104, Salvador, 1988.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. **Jóias de Crioula**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

LODY, Raul. **Jóias de axé: fios de conta e outros adornos do corpo, a joalheria afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. A opulência na província da Bahia. *In: ALLENCASTRO, Luiz Felipe de (Organizador). A História da Vida Privada no Brasil Vol. II*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

PRANDI, Reginaldo. De Africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *In: Revista USP*, nº 46, pg. 52-65, São Paulo, 2000.

ROSA, Mercedes. **Ourivesaria baiana colonial: os ourives e suas obras**. CEPESE, 2007. Acessado em 07/09/2016. Disponível em: <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/artistas-e-artifices-e-sua-mobilidade-no-mundo-de-expressao-portuguesa/ourivesaria-baiana-colonial-os-ourives-e-suas-obras>>

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. Sob os signos do poder: a cultura objetificada das jóias de crioula afro-brasileiras. *In: Em tempos de Histórias*, nº 22, pg.12-31, Brasília, 2013.